

A Escola de Educação Física do Exército

Sua atuação em prol da Educação Física Nacional

Pelo Cap. ANTÔNIO M. MOLINA

Desde o século passado, que ao Exército interessou o problema da Educação Física e sua difusão no meio civil; não ha dúvida que tal propósito se manteve em cogitações teóricas e livrescas por muito tempo.

Mas felizmente, a partir de 1919, sobretudo, os acontecimentos tomaram outra feição, pois, nesta data, um grupo de idealistas na Escola Militar, além de fundar uma associação atlética, se propoz focalizar a sistematização da Educação Física no meio militar e civil.

Era um pequeno núcleo de oficiais e cadetes, de cujos esforços tenazes e incansáveis havia de brotar a árvore frondosa da Escola de Educação Física do Exército e multiplicar-se pelo Brasil afora.

À frente d'êste movimento, se achava o Cel. Newton Cavalcanti, seu propulsor máximo que, sob sua direção, teria mais tarde, a imensa satisfação de inaugurar o *Ginásio Leite de Castro*.

Mas não foi ex-abruptamente que êste ginásio surgiu.

Em 1922, o boletim do Exército n.º 453, ao dar a nova organização do Exército, criava uma Escola de Educação Física.

Na Companhia de Carros de Combate, chegou a iniciar-se, sob os auspícios da Liga de Esportes do Exército, um curso de instrutores, que os acontecimentos de julho dêsse ano não permitiram que chegasse a termo.

Tendo sido julgada possível a abertura da Escola de Educação Física na Escola de Sargentos de Infantaria ou na própria Companhia de Carros de Combate, trabalhos vultuosos foram empreendidos nesta última unidade para a criação de um estádio, em cuja consecução se empenharam denodadamente o seu comandante, oficiais e praças.

Mas a série de movimentos armados havidos naquela época impediram por completo que êste sonho se transformasse em realidade.

Esta série de percalços, longe de desanimar os idealistas que se batiam pela causa da Educação Física, tornou-os cada vez mais persistentes em seus propósitos; e, dos sucessivos reveses, conseguiram haurir novas forças.

Em 1929, o Presidente da República, dr. Washington Luís, visitando a Escola de Sargentos, em companhia do Ministro da Guerra, ficou entusiasmado com o trabalho produzido com os alunos da Escola, pelos então Tens. Rolim e Virgílio Alves Bastos.

Tendo verificado, posteriormente, no Colégio Militar, a mesma unidade de doutrina, resolveu utilizar-se dêsses oficiais para iniciar a resolução do problema.

Ordens imediatas foram dadas para a criação do Centro Provisório de Educação Física, que funcionou nesse mesmo ano, anexo à E. S. I.

Já era o primeiro passo esboçado para a implantação do trabalho físico metódico no meio militar, quando a arguta clarividência do insigne pedagogo Fernando de Azevedo, então Diretor da Instrução Pública do Distrito Federal, obteve do Ministro da Guerra permissão para que professores públicos lá fossem matriculados.

Era o início da corporificação da Educação Física no meio civil.

Êsses cursos foram levados a termo com real sucesso.

E a primeira leva de 8 instrutores militares para o preparo dos Tiros de Guerra e 20 instrutores civis foi distribuída pelos diferentes estabelecimentos.

Em segundo curso de seis meses, os primeiros colocados foram aproveitados para instrutores das futuras turmas a se formarem pela escola. Esta providência salutar, daí em diante posta em prática, como já o era nas demais escolas do Exército, permitiu a rápida ampliação do quadro de professores, além de constituir um justo prêmio aos esforços despendidos.

As instalações da Escola eram, para a parte náutica, sumamente precárias. Daí a idéia, imediatamente realizada, de transferir sua sede para outro local mais apropriado.

E depois de hesitações entre as ilhas do Governador e Paqueta, e Fortaleza de São João, esta última foi escolhida, pelas vantagens econômicas e pela localização muito mais central.

Em 1930, dois cursos foram realizados: um chegou a seu termo; o outro foi interrompido pelos acontecimentos de outubro.

Depois da Escola ter sido fechada, em 1931 obteve-se do Ministro da Guerra que fosse reaberta; seu comando foi tornado independente do da Fortaleza de São João. Para êsse cargo, foi nomeado o então Major Newton Cavalcanti.

Os projetos de edificação da Escola foram abordados.

Mas enquanto se discutiam plantas e orçamentos, a necessidade impoz uma solução de emergência, que foi a construção de um barracão velho, cedido pela Intendência da Guerra, trabalhando nele os oficiais instrutores como operários.

E nós, que conhecemos esta época, sentimos saudades daqueles tempos em que um sôpro de entusiasmo fa-

90 %

Graças aos esforços dos pediatras e à intensa propaganda feita pelos médicos e pelos serviços sanitários, os óbitos infantis, causados pelas diarréias, estão decrescendo em várias regiões do país. Há lugares, entretanto, onde 90% dos óbitos ainda são devidos a essas desordens intestinais, por culpa da ignorância das mães, que desconhecem a maneira de alimentá-las convenientemente. Só os médicos poderão orientar as mães nesse particular. Remédios para essas diarréias só se recomendam, modernamente, os caseinatos de cálcio e o Eldofórmio da Casa Bayer, que combatem as fermentações, de'endendo a mucosa intestinal das irritações.

zia com que todas as dificuldades, por maiores que fossem, pudessem ser sanadas, sem nos importarmos com o acréscimo sensível de esforços a que éramos obrigados a despendê-las.

E as conseqüências apareciam...

Os cursos se ampliavam, a freqüência e as matrículas aumentavam, o Centro Provisório se transformava em Centro de Educação Física; o Ministro da Guerra dava-nos a importância necessária para a edificação do Ginásio Leite de Castro.

Simultaneamente, obras vultuosas de transformação do campo de treinamento eram empreendidas: construía-se os pórticos de cimento armado e a torre de Hébert, modificava-se o traçado da pista que ao mesmo tempo deixava de ser de terra para ser de carvão, triplicavam-se os campos de volei e basquete; duplicavam-se as pistas de salto em extensão e em altura.

Em 1933, um decreto presidencial transformou o Centro Militar de Educação Física em Escola de Educação Física do Exército, dando-lhe nova regulamentação, e ampliando de muito as suas atribuições.

As transformações ministeriais havidas, a par da crise financeira e política, não permitiram que o plano de obras da Escola fosse levado a termo, ficando em falta o Departamento Médico e o edifício da Administração, provisoriamente instalados no próprio Ginásio.

Mas o interesse máximo dos fundadores da Escola não residia exclusivamente nas instalações materiais; estas serviriam somente como um meio de atingir o objetivo, que justificava todos estes esforços: a implantação e a difusão da Educação Física no Brasil.

Dois campos de atividades se manifestavam: um mais restrito, mais fácil e mais próximo—o meio mi-

tar—e outro muito mais amplo, mais difícil e quizá mais longínquo—o meio civil.

A implantação no meio militar era rápida, uma vez que já fazia parte das atividades diárias do quartel; tratava-se, pois, e tão somente, de variar o método de trabalho e fornecer elementos aptos a aplicá-los.

A variação do método residia exclusivamente em publicar o novo regulamento; os elementos aptos eram os próprios instrutores e monitores diplomados pela Escola.

A 1.ª parte já está feita e a segunda é melhorada anualmente pelo aumento de diplomados.

Mas no meio civil, a questão era muito mais delicada e exigia um tato e uma paciência infindas.

Inicialmente, a questão fôra apresentada inhábilmente, pois no tempo ainda do Presidente Washington, surgira no Legislativo um projeto de origem presidencial, que tornaria a Educação Física obrigatória e exigiria uma série de condições aos clubes e colégios civis.

A resistência, a oposição, quer na imprensa, quer no próprio Legislativo, foi enorme e recordamo-nos de que, com descrença no nosso êxito, nós, os instrutores da Escola, tivemos ordem de defendê-lo e o defendemos pelo rádio, chegando à ousadia de discutir, ou melhor, de justificar a constitucionalidade do projeto, contra eminentes juristas que o acoimavam de inconstitucional.

Hoje a recordação da ginástica intelectual e dos sofrimentos que éramos obrigados a empregar, causa-nos sorrisos.

E, si dúvida não póde restar de que a Educação Física é uma necessidade vital para a nossa Pátria, muito menos nos resta de que as imposições, quando não há ambiente para tal, são sempre odiosas e contraproducentes.

E é por isso que até hoje este projeto, que não chegou a ser aprovado, tem-nos prejudicado.

O outro fator contra o qual temos lutado é a quasi completa ignorância sobre o que seja a Educação Física e seus meios entre os pseudos professores de tal ramo da Educação nos colégios e clubes, havendo honrosas exceções. Uns por não quererem estudar, outros por medo de que o nosso objetivo seja tirar-lhes o seu ganha-pão.

Outro óbice que muito tem entravado o desenvolvimento da Educação Física é a péssima organização esportiva que possuímos.

Os Clubes só pensam em aumentar o número de sócios, afim de haver maior saldo monetário, sem se preocupar em absoluto com a Educação Física de seus associados.

Dirigentes e treinadores se esquecem de que a competição esportiva e atlética é o ultimo estágio de um desenvolvimento físico integral.

O atletismo é a cúpula do edificio da Educação Física, mas entre nós tal não ocorre: começamos pelo fim, exigimos e submetemos os nossos jovens a esforços para os quais não estão preparados.

Daí os resultados que aparecem, como no último exame para o Departamento dos Correios e Telégrafos...

Dêsse rápido esboço, vê-se que o nosso trabalho comportava três aspectos: preparo e aperfeiçoamento de instrutores civis; propaganda da Escola e de seus métodos de trabalho e ensino; demonstração aos clubes, colégios e organizações dirigentes, das normas a serem seguidas.

Para o preparo de professores civis, a Escola abriu-lhes as portas, com as maiores facilidades de matrícula.

Procurou ampará-los, depois de feito o curso, afim de que pudessem fundar, por sua vez, novos núcleos irradiantes.

Para a satisfação do segundo aspecto, promovemos visitas e acolhemos todos os que queiram, de perto e

com ânimo desprevenido, ver o que somos, o que pretendemos ser e havemos de fazer pelo Brasil.

Felizmente, só aplausos temos merecido de todos os visitantes da Escola; muitas dúvidas têm desaparecido e, nessas honrosas referências, retemperamos nossas almas para novas lutas.

O terceiro aspecto é o mais delicado e de mais difícil solução.

A mentalidade esportiva e as lutas políticas entre as organizações tornam difícil qualquer trabalho sistemático.

Assim mesmo, alguma coisa tem sido obtida, através os tempos, embora em ínfima proporção com o que deveria ser.

E' incontestável que no meio civil já temos progredido bastante.

Certos Estados, tendo se apercebido da face educacional importante que representa o trabalho físico, têm procurado resolvê-lo com acêrto.

E os elementos saídos da Escola têm colaborado em todos êsses Estados, para a obtenção do nosso *desideratum*.

E esta obra começa a aparecer.

No Pará, o Cap. Orlando Tôrres conseguiu a fundação de uma Escola de Educação Física Estadual, núcleo da futura organização; sargentos e professores de lá cursaram a Escola com proveito. O atual diretor, Cap. Coelho, nosso ex-diretor de Ensino, deu ao problema uma nova impulsão.

Há fundadas esperanças de que até o fim do ano já a instalação seja definitiva e completa.

Em Pernambuco, as energias moças e brilhantes dos Caps. Bonorino e Mamede resolveram completamente a questão.

O Cap. Bonorino ergueu o magnífico Estádio Socorro e criou cursos regionais, amparado decididamente pelo Gal. Rabelo, e previu a solução da questão estadual para êste ano.

O Cap. Mamede enviou oficiais, médicos e sargentis para cursarem a E. E. F. E., atim de organizarem o serviço na Fôrça Estadual e ajudarem a solução da Educação Física em todo o Estado.

No Espirito Santo, incontestavelmente o *primus inter pares* nessa questão, graças aos heroicos esforços dos Caps. Medeiros e Horácio Gonçalves, criou-se a Escola de Educação Física, ditundi-se a sua prática por toda parte.

O mapa anexo a êste artigo fala bem alto e mui eloqüentemente.

Em Minas Gerais, os Caps. Rolim, Dorneles e Niemeyer abordaram o problema e resolveram-no dentro da Fôrça Pública Mineira.

Professores, médicos, oficiais e sargentos da Fôrça Pública cursaram as nossas aulas e, de volta, foram trabalhar na Escola de Educação Física, criando e organizando a prática racional da Educação Física.

De S. Paulo, nos foram enviados, graças à argúcia do dr. Fernando de Azevedo e do Major Dimas de Menezes, diretores—um, da Instrução Pública, e outro, comandante da Fôrça Pública—professores civis, médicos, oficiais e sargentos.

Pôde-se, assim, reviver esta questão no grande Estado e a Escola de Educação Física da Fôrça Pública e a Escola Superior de Educação Física do Estado, aí estão em sua plena pujança, mostrando na sua vitalidade o carinho com que esta questão será resolvida.

Em Mato-Grosso, o Cel. Newton Cavalcanti, quando comandante da Circunscrição, a-pesar-de grandemente sobrecarregado com a reorganização da tropa sob seu comando, tratou, embora com sacrifício pessoal, do assunto e conseguiu: reorganizar as sociedades esportivas civis, iniciar a construção de um estádio, que tanto serviria para as sociedades civis, como para os estabelecimentos de ensino, e prover de um instrutor diplomado pela E. E. F. E. cada estabelecimento de ensino, inclusive a Escola Normal; erguer um Jardim da In-

fância para o qual construiu uma piscina e uma praça de exercícios; organizar dois clubes femininos e arranjar um instrutor para a Escola Normal de Cuiabá.

Em todo êsse seu trabalho em prol da Educação Física, foi auxiliado devotadamente pelo Cap. Léo Nascimento.

A par de todas essas organizações feitas pelos elementos oriundos da Escola, importa não esquecer da soma enorme de resultados colhidos pelos soldados no seu ano de serviço militar.

São 50.000 homens que se entregam, em todo o Brasil, de Norte a Sul, de Leste ao Oeste, a um ano de trabalho físico metódico e eficaz.

Além dêsse número vultuoso de soldados, é preciso que nos lembremos dos que ao mesmo regime de trabalho são submetidos nos Tiros de Guerra e Escola de Preparação Militar Prévia.

E' um novo contingente de, talvez, 100.000 jovens que adquirem a saúde, a fôrça e a energia com que amanhã lutarão pela vida e um dia, quiçá, pelo Brasil.

Novos Estados, no ano vigente, nos enviaram elementos, afim de tirarem o curso desta Escola: Paraná, Maranhão, Ceará, Rio de Janeiro e Baía; acresce ainda que elementos do Rio Grande do Sul já passaram por esta Escola.

Como se vê, a-pesar-de uma existência relativamente curta, os resultados obtidos são os mais brilhantes possíveis.

E êste balanço dos resultados é que nos dá fé para prosseguir sem desfalecimento na nossa obra futura, certos que, a-pesar-de longe do ideal colimado, havemos de atingi-lo para maior grandeza do Exército e da nossa Pátria.